

UMA HISTÓRIA COMENTADA DA TRANSFORMAÇÃO DO VOLEIBOL: DO JOGO AO DESPORTO ESPETÁCULO

**Prof. Guilherme Locks Guimarães
Paulo Emanuel da Hora Matta**

Instituto de Educação Física e Desporto da UERJ e UGF
Instituto de Educação Física da UERJ

Resumo

Este estudo tem por objetivo contar uma história sobre a transformação de jogo em desporto de rendimento do voleibol - uma história na qual os fatos são mais importantes que os nomes e as datas. Mais que uma pesquisa científica, é uma digressão sobre estes fatos. Para organizar este estudo, nos valem de informações oriundas de fontes bibliográficas, digitalizadas e de comunicação pessoal. Concluímos que é necessário voltar a jogar mais voleibol nas quadras do que na televisão, como atualmente.

Palavras-Chave: História, Desporto, Rendimento, Voleibol.

Abstract

This study describes volleyball's evolution history from a game to a sport. Facts are more important in this story than names and dates. More than a scientific research, is the reflection upon these facts. In order to organize this study we used information provided from digital bibliographic sources and personal communication. We concluded it is necessary to practice volleyball in the courts than just watch it on television, as nowadays.

Key words: History, Sports, Performance and Volleyball.

INTRODUÇÃO

MOTIVAÇÃO

Este ensaio é o produto do encontro entre dois professores de voleibol do Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Gama Filho, desejosos de unir as suas vivências neste desporto e deixar para outros profissionais da área uma contribuição para a reflexão e compreensão do percurso do jogo desportivo voleibol ao desporto de rendimento da atualidade. Por desporto de rendimento entende-se aquele realizado nas sociedades desportivas filiadas

às federações específicas dos vários desportos, conforme definido na "Lei Zico"¹.

As citações serão escassas, pois parte considerável dos fatos apresentados foi vivenciada pelos autores: alguns de forma ativa no exercício da profissão de técnico de voleibol, outros apreendidos através de relatos de pessoas envolvidas com este desporto ou, ainda, reflexões ocasionadas pelas modificações à regra, o que acarreta, geralmente, importantes transformações nos conteúdos didáticos e processos pedagógicos do treinamento.

Obviamente, este colóquio chegou aos dias de hoje e lamenta-se a profunda crise que caracteriza, atualmente, este desporto, aparentemente, em nível

¹ Congresso Nacional. Lei 8672 de 06/07/1993. Cap. III. Art. 3. Da Conceituação e das Finalidades do Desporto.

nacional: poucas equipes, dificuldade em organizar campeonatos adultos, diminuição do número de espectadores. Portanto, por haver dúvidas quanto à extensão desta crise, pensa-se que é mister observar que alguns fatos que nos serviram de motivação, provavelmente, sejam específicos do Estado do Rio de Janeiro e espera-se que este motivo não invalide as nossas reflexões a respeito do futuro do voleibol de rendimento em nosso país.

Deste modo, entende-se oferecer à comunidade desportiva e, sobretudo, àquela do voleibol, alguns relatos sobre a história da transformação da representação social do jogo no desporto voleibol. Uma história diversa daquela contada por datas e nomes, baseada na análise crítica dos fenômenos que vêm construindo este desporto.

NASCIMENTO²

O advento da revolução industrial transformou a vida social dos cidadãos. O camponês que utilizava a luz do sol e as estações do ano para organizar o seu tempo, transformou-se em cidadão urbano, vivendo de acordo com o tempo imposto pela sua jornada de trabalho.

Porém, este novo modo de trabalhar, muitas vezes mecanizado, repetitivo e bastante estressante, originou nas pessoas, que nele atuavam, a necessidade de extravasar as tensões acumuladas durante a jornada. Assim, próximo ao local do trabalho e da residência, reunidos em bares, no galpão da própria fábrica ou oficina das proximidades, organizavam atividades lúdicas com os amigos. Esse quadro descreve, de modo aproximado, a sociedade produzida pela revolução industrial no continente americano, mais precisamente nos Estados Unidos da América do Norte. Portanto, estas atividades eram, entre outras, a luta de boxe (sem luvas), o jogo de malha, e o braço de ferro e o beisebol.

As várias atividades laborais geradas por esse fenômeno a necessidade de formar mão-de-obra especializada para ser utilizada na gestão da forma de produção e no aprimoramento dos produtos, levou

esta nova sociedade a preocupar-se com a formação dos seus membros. Entenderam que esta não poderia se realizar, somente, através da passagem da informação da vivência e da habilidade de alguns especialistas para outros tantos aprendizes. Assim, investiram na educação de massa para criar os seus futuros atores (produtores e consumidores). Deste modo, as atividades lúdicas da rua entraram na escola: teatralizadas e normatizadas. Estas atividades foram genericamente denominadas *sport*.

Ao mesmo tempo, acontecia a expansão dos meios de transportes, que facilitava a locomoção das pessoas, e o desenvolvimento da imprensa, que também contribuiu para a formação do desporto como fato social. Pois, a produção e a difusão do uso de cartazes, almanaques, livros e jornais, ampliou e popularizou os feitos esportivos, os recordes e os seus atores. Essa conjunção propiciou a programação dos espetáculos desportivos, inicialmente em nível citadino, estendendo-se, após, para outras cidades e regiões, até transformar-se no fenômeno mundial atual.

Estes eventos eram organizados nos momentos de lazer das pessoas, quase sempre no domingo, isto é, no dia do Senhor. Portanto, a primeira reação dos puritanos foi de condenar tal prática. Ao entender que a sua crítica e as suas ameaças - o inferno aos pecadores, organizadores, praticantes e assistentes - eram superadas pela nova atividade e ignoradas pelos fiéis, estes grupos da sociedade norte-americana constituíram uma associação, já existente na Inglaterra, onde as pessoas poderiam se reunir para reforçar a sua fé, aprender conceitos de higiene e bem-estar físico e praticar as atividades desportivas de forma lúdica. Esta associação, como a inglesa, foi denominada *Young Man Christian Association* (YMCA)³.

Em fins do século XIX, um diretor da YMCA, Laurence Linder, deparou-se com a necessidade de uma atividade invernal e solicitou a um dos seus professores, James Naismith, que desenvolvesse e propusesse uma atividade para ser realizada em recinto fechado. Este professor, em 1891, organizou

² O texto deste capítulo tem por base o capítulo IX do livro: MANDELL, Richard D. Storia culturale dello Sport. Roma-Bari: Editori Laterza, 1989. Serão encontradas esparsas pelo texto, sem serem citadas literalmente, idéias que poderão ser encontradas nos cap. XIII e XIV desta mesma obra.

³ A YMCA no Brasil recebeu a denominação de Associação Cristã de Moços (ACM) e é identificada por esta sigla.

um jogo que seria o embrião do hoje denominado *basket-ball*⁴.

O novo jogo foi bem aceito pelos praticantes, porém, como toda atividade nova, o pouco domínio das habilidades motoras desportivas e o contato físico transformaram-no em uma atividade violenta, dificultando ou mesmo alijando da sua prática as pessoas mais fracas fisicamente. Por esse motivo, em 1895, o professor William Morgan⁵, instituiu um outro jogo, no qual eliminava o contato físico, dividindo o campo com uma rede. Este foi denominado *minonette*. Poucos anos depois, em outra sede da mesma Associação, este jogo recebeu a denominação atual de *volley-ball*. Então, após a certidão de nascimento e o batizado...

INFÂNCIA

O jogo elaborado pelo prof. Morgan utilizava um campo com dimensões de 15,35 metros de comprimento por 7,625 de largura, dividido em dois por uma rede que media 8,235 metros de comprimento por 61 cm de largura. O jogo era disputado em 21 pontos e não havia limite de participantes para cada equipe. Outras modificações seguiram-se:

- em 1918, a entrada do sexto jogador e a introdução do rodízio e o aumento da altura da rede para 2,30 metros.
- em 1921, apareceu a linha central dando origem à falta por invasão do campo adversário;
- em 1923, as medidas que são utilizadas até os dias de hoje, ou seja, a rede com 2,43 metros de altura e as medidas do campo em 18 metros de comprimento por 9 metros de largura.⁶

Julga-se importante recordar que cita-se, somente, uma altura da rede, quando sabe-se que existem duas: uma para o sexo masculino e outra, para o feminino. Isso não quer dizer que as mulheres utilizavam a mesma rede ou não jogavam voleibol. É que não havia uma regulamentação para elas, pois,

nessa época, não existiam competições oficiais femininas. Somente ao final da década de 30 deu-se esta regulamentação, com a altura da rede a 2,24 metros.

Para ressaltar o caráter de jogo, informa-se que, no Japão, nesta mesma época, o voleibol era praticado de modo diferente: as equipes eram compostas de nove jogadores, o jogo era realizado sem o rodízio e com direito a duas tentativas do saque (à semelhança do tênis). A quadra media 24 metros de comprimento por 10 metros de largura e a rede tinha 2,10 metros de altura. Este modo de jogar o voleibol perdurou até 1950, quando aquele país aderiu às regras vigentes para os campeonatos da Federação Internacional de Voley-ball.

ADOLESCÊNCIA

A difusão deste jogo, que o transformou no desporto de rendimento de hoje, deu-se por diversos modos. Os primeiros difusores foram as missões protestantes que iniciaram a sua expansão nas Américas. Assim, através das YMCAs, o voleibol chegou ao Canadá, em 1900, e, logo após, aos países da América Espanhola, próximos aos Estados Unidos da América do Norte (Cuba, México, etc.). Na América do Sul, o primeiro país que se tem registro é o Peru, em 1910, onde foi introduzido por uma missão governamental norte-americana que tinha como objetivo organizar o sistema escolar daquele país. Estendeu-se aos outros países, através das ACMs, criadas nestes países após a chegada das missões evangelizadoras das igrejas protestantes, principalmente a Batista.

Em nosso país a história não é clara. Existem duas correntes: uma indica que este desporto foi introduzido em 1915, no Colégio Marista de Recife, capital do estado de Pernambuco. Outra versão informa que seria a Associação Cristã de Moços da cidade de São Paulo, em 1917, a responsável pela sua introdução. Tendo em vista a história do voleibol nos países vizinhos, os autores aceitam como mais provável a segunda hipótese.

⁴ Disponível em: < http://www.cbb.com.br/conheca_basquete/hist.oficial.asp>. Acesso em 21 de abril de 2003, 21: 31:45.

⁵ Disponível em: < <http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiavoleibol..htm>>. Acesso em 20 de abril de 2003, 20:26:30.

⁶ Dados recolhidos em: BORROTO Downer, Evelina. y coautores. Voleibol 1. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1992.

O voleibol chegou à Europa com os soldados norte-americanos, durante o conflito historicamente conhecido como “I Guerra Mundial”, que nos seus acampamentos da retaguarda, nos momentos de folga, utilizavam esta atividade como forma de lazer. O jogo foi assimilado pelos moradores destes locais, sendo, depois, incorporado à sua cultura como jogo desportivo.

Porém, foi no chamado bloco socialista, como eram conhecidos os países que viviam na esfera de influência política da antiga União Soviética, que este desporto teve a sua maior importância e difusão, identificando-se com a ideologia ali dominante. Era praticado nas escolas, nas fábricas, cooperativas urbanas e rurais e nas Forças Armadas. No período de 1960 a 1990, eram internacionalmente conhecidas as equipas do CSKP, da cidade de Moscovo (equipe do Exército), e a do Automobilist (cooperativa de motoristas de táxi), da cidade de Leningrado, hoje São Petersburgo.

Pensa-se que algumas representações que teriam levado o voleibol a ter tal dimensão, naquela região, podem ser assim descritas: ser coletivo, favorecer a interdependência e a cooperação, e ter a possibilidade de ser praticado por qualquer pessoa, independente de idade ou sexo e em virtude da diminuição da agressividade pela ausência de contato físico, já que o campo é dividido pela rede. Deste modo, a agressividade é manifesta sobre a bola.

A expansão do jogo por todos os continentes fez com que houvesse interesse em organizar a codificação das diversas maneiras de jogar em uma só. Isso permitiria que a disputa se desse em níveis mais amplos que a região ou mesmo o país onde o esporte era praticado. Para tanto, seria necessário fundar uma federação internacional mediadora que organizaria um regulamento que representasse o compromisso entre histórias diversas na aceitação de um modo comum de jogar uma partida de voleibol. A fundação da Federação Internacional de Voleibol se deu em 1946, na cidade de Paris.

ADULTEZ

Terminada a fase de estruturação e o jogo transformado em desporto, tentou-se, desde o início, equilibrar as ações entre a defesa e o ataque. Recorda-se que o voleibol, com as regras da época, apresentava uma característica que pode-se dizer única entre os jogos desportivos: o ponto era marcado pela equipe que defendia⁷.

As regras passaram a ser motivo de controvérsias entre os integrantes asiáticos e europeus, cada grupo procurava modificá-las para dar origem a situações de aplicação das técnicas mais propícias para as suas características físicas. Os exemplos que seguem demonstram que o regulamento⁸ é muito mais que um simples resultado, é um compromisso.

Inicia-se pelo regulamento mais restritivo em relação à execução do toque, que propiciou o aparecimento de uma nova habilidade, a manchete. Inicialmente, o saque era recepcionado de toque. Por esse motivo, todos procuravam sacar do modo mais potente possível para criar dificuldade à sua recepção e, conseqüentemente, à armação do ataque da equipe adversária.

Os asiáticos, provavelmente, por terem as mãos de dimensões menores, eram penalizados e, por esse motivo, solicitaram que houvesse maior rigor na marcação dos dois toques nesta técnica, no que foram atendidos. Assim, passaram a receber de manchete, o que, em pouco tempo, colocou as suas equipas entre as melhores do mundo. Esta possibilidade de fazer a recepção valendo-se do antebraço diminuiu a importância do saque potente, que passou a ser recepcionado com mais eficácia.

Os japoneses desenvolveram também uma técnica que ficou conhecida como saque flutuante (*floating*), no qual a bola flutuava em sua trajetória, dificultando, sobremaneira, a recepção. Contra este artifício deu-se a reação europeia e foi permitida a interceptação do saque, através do bloqueio ou do

⁷ Antes do atual sistema de pontuação, o denominado *rally point system*, onde cada infração à regra vale um ponto. Vigia um outro, onde só a equipe que detinha o saque poderia marcar pontos. Este sistema foi substituído pelo atual, em 1999.

⁸ Georges Vigarello (1993, 309) ensina-nos “o regulamento é um ponto de encontro entre histórias diversas, e é também em certa medida, o êxito”. “Il regolamento è un punto d’incontro tra storie diverse e ne è anche, in una certa misura, l’esito” (T. do A.)

ataque. Esta permissão diminuiu, consideravelmente, a eficiência do saque e desequilibrou a balança a favor dos ataques. Foi revogada no início da década de 80 e acompanhada de uma maior tolerância por parte dos árbitros na execução da manchete. Esta seqüência de modificações é um caso clássico, onde há mudança do regulamento como compromisso entre tendências contrárias⁹.

A última modificação da regra relativa ao saque deu-se por pressão evolutiva: foi ampliada a zona de saque, que era localizada nos três primeiros metros do lado direito do campo, e passou a ter a mesma extensão da linha de fundo da quadra de voleibol (9m). Isso fez com que fossem agregadas outras trajetórias a essa técnica, que permitiram ao mesmo ser utilizado, taticamente, com mais eficiência.

Outra alteração à regra que teve grande importância e gerou diversas evoluções no jogo de voleibol, utilizado como desporto de rendimento, foi o bloqueio. A partir de 1962, com a permissão de invadir o campo adversário e tocar a bola antes que esta ultrapassasse a rede, aumentou a importância desta técnica na constituição do resultado do jogo.

Esta regra deu origem a novas técnicas de ataque, desde atacar a bola contra a mão do bloqueio ('explorar') com a clara intenção de fazê-la terminar fora da quadra, bem como modos de superar o bloqueio com ataques que tomam direções inesperadas, realizados com a combinação das rotações do tronco e da articulação do ombro com os movimentos do membro superior.

O aumento da eficácia na execução do bloqueio deu origem, também, ao crescente emprego de fintas, utilizando-se um ou mais elementos da equipe na construção do esquema de ataque. Chegou-se, inclusive, a empregar um defensor que saltava próximo a rede e, portanto, impedido de atacar, o que, algumas vezes, enganava bloqueadores menos espertos ou mais afoitos. Atualmente, incorporou-se o ataque com salto a partir da zona de defesa como mais uma ação técnico-tática para tentar dificultar as manobras do bloqueio e conseguir maior êxito nos ataques.

Escreveu-se que a codificação, algumas vezes, visa mediar as tendências contrárias. Então, com o intuito de restabelecer o equilíbrio entre a defesa e o ataque, que foi sempre o objetivo do regulamento, a partir de 1976, o contato do bloqueador com a bola deixou de ser contado como o primeiro toque. Isto permitiu à equipe que defendia mais uma possibilidade para preparar o ataque. Esta modificação à regra possibilitou maior eficiência do contra-ataque, originando maior número de ações ofensivas, aumentando a importância do sistema defensivo (bloqueio e defesa) na economia do desporto.

Porém, com o desenvolvimento das ciências que concorrem para o treinamento desportivo e a sua aplicação na formação do atleta, o ataque ficou mais potente e tornou-se praticamente impossível à existência dos *rallies*, que dão beleza e emoção ao jogo de voleibol. Deste modo, o jogo de alto nível tendia à monotonia, com seqüências intermináveis de saque, recepção e ataque. Todavia, recorda-se que uma das características do regulamento do voleibol era o interesse em equilibrar as ações entre o ataque e a defesa.

Por esse motivo, a Federação Internacional de Voley-ball autorizou que a defesa fosse realizada com qualquer parte do corpo, incluindo, também, os membros inferiores e eliminou os dois toques na ação de defesa (primeiro contato da equipe), procurando aumentar, deste modo, o tempo de bola em jogo. A esta permanência da bola em jogo denomina-se *rally*¹⁰.

O DESPORTO ESPETÁCULO

A partir de 1992, com a inclusão do *tie-break* no quinto set, a Federação Internacional de Volleyball (FIV), iniciou, de modo determinado, a modificação do sistema de pontuação da partida, a fim de estabelecer um formato que fosse mais facilmente vendável para a mídia, tentando, assim, atrair um maior número de pessoas que se interessassem pelo desporto, ainda que de forma passiva, diante de um aparelho de televisão.

⁹ Vigarello (op. cit. p. 309)

¹⁰ denomina-se *rally* no jogo de voleibol, o tempo de movimento da bola decorrente do saque até a sua inatividade por alguma infração à regra.

Deste modo, o voleibol, como a política e a religião, também foi transformado em espetáculo, em produto do *show business*, onde a difusão de uma competição pelos veículos midiáticos é mais importante que o número de espectadores no local do jogo ou os atletas e técnicos. Como exemplo, podemos citar os jogos de futebol iniciando ao meio dia no verão e partidas de voleibol marcadas às 10 horas da manhã de sábado.

Na busca do formato ideal para a difusão dos jogos de voleibol pela televisão, foram propostos vários modelos, por exemplo: no Brasil, o “Campeonato da Liga Nacional”, 1997/1998, foi disputado em uma forma híbrida de pontos e tempo de jogo, fórmula que ficou conhecida como: “o set de 25 minutos”. No início de 1998, os campeonatos estaduais foram disputados em jogos de 5 sets sem a vantagem (*rally point sistem*), sendo os quatro primeiros disputados em 25 pontos e o último em 15. Este é o atual modo de pontuar o desporto, pois foi aprovado pela Federação Internacional de Volley-ball em novembro daquele ano, incluindo-se, também, o atleta denominado *libero*, que por regulamento tem, exclusivamente, funções táticas defensivas.

Esta regra, bem como as outras realizadas na década de 90, foram determinadas pela busca de um espaço televisivo para a difusão do voleibol. Algumas destas modificações, inicialmente, não foram bem recebidas pelos praticantes e treinadores, pois aumentavam a solicitação emocional dos sujeitos envolvidos no jogo, porém, se tornaram regulamentares pela pressão dos veículos midiáticos e por licença cultural de uma sociedade, onde a tolerância ao estresse e a sua superação são consideradas demonstração de caráter e, portanto, comportamentos desejáveis.

Porém, é mister que se retorne a história do voleibol. A partir da década de 70 do século passado, motivado por interesses políticos e econômicos e através de mudanças radicais nos meios empregados para a preparação do atleta, observou-se uma transformação do desporto em geral, o jogador deu lugar ao atleta.

DO JOGADOR AO ATLETA

O estado da arte da fisiologia e os conhecimentos da bioquímica do metabolismo

humano permitiram maior cientificidade das práticas envolvidas no treinamento desportivo, quer através da seleção dos estímulos combinados com tempos de repouso, quer na utilização de drogas com efeito anabolizantes. Nessa época, a utilização de substâncias dopantes, por desconhecimento dos seus efeitos colaterais, não era considerada uma transgressão ética e moral.

Os recordes da natação e do atletismo foram superados em uma sucessão como jamais se vira antes. Os atletas, homens e mulheres, se transformaram de pessoas treinadas em protótipos de uma outra espécie, qualquer coisa entre o ser humano e o robô. Os que presenciaram esta época lembram-se dos corpos volumosos das nadadoras da Alemanha Oriental e da transformação física dos velocistas do atletismo. Este novo enfoque no treinamento não tardou a influenciar os jogos desportivos no Brasil. E portanto...

O VOLEIBOL BRASILEIRO:

A CONSTRUÇÃO DA ATUALIDADE

Aproximadamente no fim da década de 70 e início da década de 80, deu-se o advento de dois processos que marcariam e influenciariam o voleibol dos dias de hoje no Brasil. Ao primeiro, denomina-se interno, pois alterou de modo sensível e intrinsecamente o jogo em si. Trata-se da utilização da preparação física como integrante da formação do atleta com o objetivo de melhorar o seu desempenho. Esta atividade já existia anteriormente, porém era utilizada como aquecimento, entendido este como uma preparação cardiovascular e articular para esforços mais intensos.

A denominada preparação física era uma atividade à parte, sem especificidade com as habilidades motoras do desporto e com as técnicas de competição. Baseado no estado da arte daquela época, foram importadas máquinas para auxiliar no desenvolvimento da musculatura e, com isso, dar maior força ao atleta e, portanto, maior eficiência, por maior potência às habilidades motoras específicas dos mesmos. O trabalho era dirigido ao desempenho do levantamento de peso. Equivocadamente, pensava-se que o aumento da força, gerado pela hipertrofia das fibras musculares, por si só melhoraria a potência e, portanto, o rendimento da técnica.

Os conhecimentos à época não eram os de hoje e este tipo de atividade gerou um quadro de lesões que encurtaram a vida desportiva de muitos atletas. Modelos importados de outras equipes de sucesso, séries de musculação que não levavam em consideração a relação dos músculos agonistas e antagonistas e as cadeias cinéticas por eles solicitadas foram algumas das causas.

Assim, o corpo do atleta que recebeu este tipo de treinamento, mais que um desenvolvimento são da musculatura, sofreu a ação, em alguns casos, devastadora dos seus efeitos. Em realidade, era musculação mal aplicada que utilizava exercícios que tinham pouca relação com o desporto praticado. Importante também não esquecer a “Era Cooper” que transformou nossos atletas em ‘maratonistas’.

A difusão dos conhecimentos nesta área, tornou-se maior com a política da transparência do primeiro ministro Gorbatchev, da União Soviética, que liberou os estudos e práticas dos seus cientistas à comunidade acadêmica internacional, trazendo à discussão diversos conhecimentos ignorados ou pouco estudados até então. No ocidente, o desconhecimento dessas técnicas dava asas à imaginação, sendo difusa a idéia que os resultados eram conseguidos através de terror psicológico, isto é, ou competir e obter bons resultados ou o *gulak*¹¹ siberiano.

Assim, os conhecimentos advindos da fisiologia, biomecânica, neurociência, bioquímica, psicologia e outros foram integrados ao atual processo de treinamento. Para geri-los foram organizadas equipes interdisciplinares (comissões técnicas) nas quais o treinador é o coordenador.

A reunião destes conhecimentos científicos significou considerável desenvolvimento para o âmbito do desporto, produzindo modificação radical no ensino e aplicação dos métodos de treinamento. A era da musculação e dos longos exercícios aeróbios foi substituída por atividades que tivessem uma relação específica com o desporto praticado e que promovessem o desenvolvimento da maestria desportiva. Estes conhecimentos, ainda, são pouco

dominados em nosso país, freqüentando mais as reuniões acadêmicas e os institutos de educação física que os campos de treinamento. Urge apresentá-los.

A PARCERIA

O segundo processo denomina-se externo, pois não é diretamente relacionado às habilidades e ações do jogo, porém, teve importância crucial nas mudanças ocorridas no desporto: regulamentos, horários de competições, criação e uso da imagem dos mitos e heróis desportivos, e a parceria.

Portanto, junto com a era da musculação, chegou ao nosso país o que não era novidade na América do Norte, Europa e Ásia: a utilização do desporto como veículo de publicidade, o que poder-se-ia denominar: “a idade da parceria”, na qual o uso publicitário do desporto não tem relação com a atividade desportiva. A este respeito, Vigarello (1993, p. 227) afirma que:

*Neste caso o publicitário desfruta de um outro tipo de exigência: aquela do espetáculo. Utiliza a prática desportiva para captar a atenção. Introduce-se no cenário, enriquece-o ou, simplesmente, modifica-o de acordo com seus interesses*¹².

Assim, o voleibol teve seus regulamentos e sua forma de jogar modificadas pela pressão dos veículos midiáticos. Realizou-se estas transformações visando seduzir os sedutores (a mídia), tentando fazê-los interessar-se pelo produto voleibol.

Pois, o desporto é um produto excelso à publicidade, isso se deve ao fato de que, ao sentar-se diante da televisão ou ir ao estádio para assistir uma competição desportiva, o consumidor está em uma situação emocionalmente propícia para receber as mensagens, pois, em geral, assiste-se ao evento desportivo em momento de lazer e descanso, escolhendo-o voluntariamente. Isso favorece a empatia em relação aos bens e marcas apresentados durante o evento.

¹¹ Campos de concentração para prisioneiros políticos da União Soviética.

¹² “In questo caso l’inserzionista sfutta un altro tipo di esigenza: quella dello spettacolo. Utilizza la pratica sportiva per captare l’attenzione. Si introduce nello scenario, lo arricchisce o, semplicemente, lo stravolge”. (T. do A.)

A parceria modificou a relação do atleta com a sociedade desportiva. O que era uma atividade para ocupar o tempo de lazer, um *hobby*, transformou-se em atividade profissional. Assim, este desporto que, no Rio de Janeiro, era jogado às noites de terça ou quinta-feira, após a jornada de estudos ou laboral, passou a ser programado em qualquer dia da semana, no local e hora que mais conviesse aos parceiros para a difusão dos seus produtos. Deste modo, os atletas para adequarem-se a este novo modo de participar desta atividade, tiveram de adaptar o seu tempo social ao tempo dos treinamentos e das competições do voleibol.

Porém, toda modificação, geralmente, faz as suas vítimas e um novo processo para se estabelecer deve substituir ao antigo. Inicialmente, conviveram as equipes das empresas, como eram denominadas, com as equipes dos clubes desportivos, os tradicionais formadores de atletas. Nos primeiros anos dessa convivência, os clubes levaram vantagem e ao final dos campeonatos saíram vencedores, por exemplo: o Fluminense Foot-ball Club, no feminino e o Minas Tênis Clube, no masculino, no Campeonato Brasileiro de Adultos de 1981. Este fato fez com que as empresas aumentassem os seus investimentos para melhorar as suas equipes, obviamente em detrimento dos clubes, que não possuíam a mesma disponibilidade econômica.

Para satisfazer as necessidades dos parceiros, as competições passaram a ser realizadas por todo o país. Isso tornou-as economicamente proibitiva aos clubes desportivos, pois os custos do apoio logístico para uma partida eram, quase igual a uma de futebol profissional, com o agravante de não trazer nenhum retorno econômico. Para os clubes, competir no voleibol era sinônimo de gastar. É importante recordar que se escreve sobre o início dos anos 80, época que marca o agravamento da séria crise econômica que tem assolado o país.

Porém, segundo Debray (1994) está-se vivendo o mundo da 'videosfera', onde a imagem toma o valor dos fatos, portanto, estes só adquirem valor, existência ou impacto se forem divulgados pelos veículos midiáticos, sobretudo a televisão.

O MODELO BRASILEIRO

Assim, o modelo escolhido pela Confederação Brasileira de Voleibol para a difusão do voleibol em

nosso país foi a formação de uma elite de excelência mundial, isto é, equipes que tenham a possibilidade de disputar as medalhas nas competições mais importantes: Jogos Olímpicos, Campeonato Mundial, Liga Mundial ("*World League*") e Pan Americano, fatos midiáticos. Inicialmente, esse modelo funcionou, difundindo o desporto, aumentando o número de praticantes e o interesse das pessoas que não o praticavam como atletas. Ele tornou-se parte das conversas sociais, os seus eventos foram mais noticiados pela mídia e os seus praticantes mais hábeis tornaram-se personagens públicos.

Porém, em pouco tempo, uma outra face deste processo fez-se presente, o *boom* do voleibol da seleção brasileira foi o *crash* das associações desportivas: a "profissionalização" dos atletas, que se disseminou desde as categorias de base, deu origem a maiores dificuldades para os clubes manterem as suas equipes. Pois, em virtude das crises econômicas acima recordadas, estes tiveram diminuído o quadro social, sua principal fonte de renda.

Então, por terem seus recursos financeiros combalidos, os clubes começaram a trafegar na contra-mão do processo do voleibol, extinguindo as suas equipes ou limitando-se a disputar as categorias infanto-juvenis, onde não era necessário um grande investimento econômico. Este fato está transformando o voleibol em um desporto de muitas medalhas e poucos praticantes

Acompanhando esse processo, os clubes de empresa, por força da lei que os regulamentava, deveriam apresentar, nos campeonatos das federações a que estavam filiados, uma equipe da divisão juvenil. Para organizá-las, deu-se uma prática predatória sobre os atletas das outras equipes, que, seduzidos pela possibilidade de *status* e ganhos econômicos, desejavam pertencer a essas equipes, a nova elite do voleibol.

A intenção manifesta na elaboração deste item da lei era aumentar o número de atletas nas categorias de base. Porém, o que não foi percebido é que as novas equipes traziam na sua natureza a utilização do existente, tornando-as fatais para a formação de novos atletas. Os clubes tradicionais formadores de atletas não mais os faziam, pois alguns dos seus melhores atletas terminavam no banco de reservas de equipes pertencentes às empresas mais importantes.

Esses motivos diminuíram a atividade do voleibol de rendimento no Estado do Rio de Janeiro, onde, atualmente, em uma cidade com cerca de seis milhões de habitantes, existem seis equipes disputando o campeonato estadual juvenil masculino e, para organizar um campeonato adulto, é necessário trazer equipes de outros estados e desdobrar uma equipe em duas, como ocorreu no ano de 1998.

PARALELO A DENÚNCIA, O ANÚNCIO¹³

Assim, o voleibol da televisão, o espetacular, o das medalhas, começa a acusar os reflexos da crise econômica. A cada ano torna-se mais difícil a construção e a manutenção de equipes. Como prova dessa hipótese estão: a mudança de sede de equipes, parceria fugaz e o pedido de ajuda ao Estado.

Porém, as crises são cada vez mais próximas uma das outras, é pública e notória a situação de equipes que só terminaram o campeonato da “Liga”, na temporada 2000/01, em virtude da abnegação dos atletas, que continuaram disputando mesmo sem receber a compensação econômica combinada. Na temporada de (2002/03), a “Liga Feminina” conseguiu a inscrição de, apenas, 8 equipes.

A estes fatos, pode-se adicionar a volta da emigração dos atletas brasileiros para campeonatos estrangeiros e o interesse cada vez maior da mídia e dos dirigentes da Confederação Brasileira e das Federações Estaduais de *Voley-ball* pelo vôlei de praia, relegando a razão primária da sua existência, o desporto voleibol, a um plano menor nos seus interesses e nas suas preocupações. Diante disso, aparenta entrar em crise o sistema que deveria servir para alavancar todo o desenvolvimento do voleibol no Brasil.

Deste modo, a título de contribuição para fomentar o debate, entende-se que, sem abandonar o desporto espetáculo, os dirigentes do voleibol brasileiro, especialmente, aqueles da cidade Rio de Janeiro, deveriam dirigir suas intenções para deflagrar um movimento de ressurgimento do voleibol, como desporto de rendimento, nas tradicionais sociedades desportivas. Com esse intuito, ousa-se fazer algumas

sugestões:

- organizar cursos para a formação de dirigentes.
- facilitar ou isentar do pagamento de taxas relativas à sua filiação e arbitragens a sociedade desportiva que disputar pelo menos três categorias.
- auxiliar na aquisição de material específico para a prática do desporte.
- organizar clínicas de atualização para os treinadores, onde não se limitem a receber ‘receitas de bolo’ ou escutar histórias de profissionais bem sucedidos, mas que abordem os vários aspectos que compõem a metodologia do treinamento desportivo.

DESLIGAR A TELEVISÃO, ENTRAR EM CAMPO

Portanto, o momento pede a construção de um modelo novo. O antigo foi superado e o atual apresenta sinais de exaustão. A persistência da crise econômica, que demandará muitos anos para ser contornada a níveis aceitáveis para a população, faz com que seja necessário a volta ao voleibol de 20 anos atrás, no qual vários clubes desportivos, impulsionados por seus técnicos e dirigentes, estimulados, principalmente, pela paixão de executar uma função que lhes agradava, organizavam suas equipes com pequenos custos.

Isto do ponto de vista profissional pode representar um retrocesso, porém, em termos de Rio de Janeiro, é a única forma de realizar o voleibol no momento, tal a magnitude do processo que arruinou esse desporto nessa cidade, nesse estado.

Assim, procurou-se apresentar uma história da transformação do jogo voleibol no desporto de rendimento atual. Porém, entende-se que a ênfase dada ao desporto de rendimento pelos meios midiáticos possa diminuir a importância do jogo, que pelas suas características permite ser empregado como atividade física em diferentes manifestações, sexo e idades.

Deste modo, conclui-se este ensaio com algumas certezas e alguns anseios. Por entender-se que a prática do desporto é educativa, por ser uma

¹³ Expressão atribuída a Paulo Freire por Paulo Roberto Padilha no prefácio da obra (p. 12): Demo, Pedro. Saber Pensar. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001. (Guia da escola cidadã; v. 6)

atividade na qual podem ser exercitados vários princípios éticos (Beresford, 1994). Por entender-se que é necessário recuperar a alegria de jogar voleibol em nível competitivo. Por entender-se que existe espaço para um voleibol onde a motivação intrínseca de treinar-se, de superar-se e de relacionar-se em condições de antagonismo com pessoas de outras sociedades desportivas deva ser maior que a

motivação ao salário no fim do mês ou o prêmio da partida. Por pensar-se assim, solicita-se a todos os envolvidos com a prática do voleibol, por estar-se asfixiados, que se abata o muro da imagem¹⁴, que se desligue a televisão e se volte ao campo para jogar.

Endereço para correspondência:

Guilocks@yahoo.com.br

R. São Francisco Xavier, 524 Sala 9131/1 F

CEP 20550 - 013

REFERÊNCIAS

BERESFORD, H. *A Ética e a moral social : através do esporte*. Editora Sprint Ltda. : Rio de Janeiro, 1994. C. X, p. 67-86. ISBN 85-85031-64-6

BORROTO DOWNER, E. y coautores. *Voleibol 1*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1992.

BRASIL. *Congresso Nacional. Lei 8672 de 06/07/1993*. Cap. III. Art. 3. Da Conceituação e das Finalidades do Desporto.

DEBRAY, R. *Lo Stato seduttore: Le rivoluzioni mediologiche del potere*. Edizioni SISIFO: Roma, 1994. 204 p. ISBN-88.86059-08-6

MANDELL, R. D. *Storia culturale dello sport. Editori Laterza : Roma-Bari, 1994*. c. IX, XIII e XIV. Título original: Sport: A cultural history. Columbia University Press, 1984

MATTA, P. E. H. *Uma história do voleibol. Comunicação pessoal*. Instituto de Educação Física e Desporto da UERJ, 1999.

VIGARELLO, G. *Culture e tecniche dello sport. Il Saggiatore : Milano, 1993*. parte 4ª e 5ª. ISBN 88-428-0123-2. Título original: Une histoire culturelle du sport. Éditions Robert Laffont, S. A. : Paris, 1988.

¹⁴ paráfrase de um texto de Régis Debray. A frase original é: "Economia procura projeto de sociedade. Funcionários procuram diretrizes. Presente procura história. Horizontais pedem verticais. Menos física, por favor, e um pouco de metafísica! Estamos asfixiados. Derrubai os muros de imagens, reabram com as palavras as janelas do espaço!". "Gestione economica cerca progetto di società. Funzionari cercano legenda. Presente cerca Storia. Orizontali chidono verticale. Meno fisica, per favore, e un po' più di metafísica! Siamo asfissati. Sfondate i muri di immagini, riaprite con le parole le finestre dello spazio!" p. 198, (T. do A.)